

AS ESTRATÉGIAS TERRITORIAIS DE DESENVOLVIMENTO NO CARIRI CEARENSE

Neyva de Lima Santiago – Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ/

e-mail: cenogeo-santiago@click21.com.br

Viviane Pereira Moreira - Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ/

e-mail: negravivi@ig.com.br

RESUMO

Em torno das atuais dinâmicas territoriais, as estratégias capitalistas tentam desenvolver a fluidez do sistema de crescimento econômico de articulações periféricas. Na qual implica a forma participativa na política local, resultando contradições e conflitos. Sendo indispensável, em princípio, conhecer a história e os aspectos físicos e sociais do sertão nordestino, assim, compreender as necessidades e as peculiaridades locais, ao analisar as redes sociais e técnicas como mecanismos de superação das desigualdades sócio-econômicas dentro da própria Região do Nordeste Brasileiro. A discussão se pautará, primeiro, no posicionamento das parcerias inovadoras que trabalham em rede no mundo estruturado por interesses comerciais, por processos cada vez mais globais, de táticas políticas capitalistas inovadoras, de acumulação de lucro e detentores de conhecimentos científicos conservadores que reproduzem espaços alienados. Segundo, ajustará-se na análise das envergaduras do associativismo e do cooperativismo na ovino-capricultura que apresentam-se como formas dinâmicas de utilização dos recursos disponíveis no território para atender as necessidades regionais ao reorganizar os espaços locais num processo de “auto-reconhecimento” e no resgate do “saber local”.

Palavras-chave: *Dinâmicas Territoriais; Saber local; Parcerias inovadoras.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a Região do Cariri Cearense como objeto de discussão de elementos que permitem compreender os processos territoriais dinâmicos seguidos das estratégias capitalistas de desenvolvimento econômico que atuam nas regiões periféricas. Assim, compreender os elementos que favorecem a renovação e a reprodução deste sistema, que atribui à sua contradição política produtiva à responsabilidade nas diversidades do espaço e do tempo. Uma vez que, a lógica construtiva está na integração sócio-histórica-econômica-política-cultural do território. Deste modo que associam-se o "cooperativismo" e o "saber local" em termos situados no contexto teórico geográfico, permitindo a revelar a real imagem do local inserida na ordem global.

1. Localização da Região do Cariri

A Região do Cariri está localizada nas partes dos estados do Ceará, Pernambuco e Piauí, com aproximadamente 1,5 milhão de habitantes distribuídos em mais de 70 municípios. Na Figura.1 pode-se verificar o mapa do Cariri no estado do Ceará, inserido no "Polígono da Seca". Sendo considerada, nos últimos anos, como um verdadeiro oásis em pleno sertão nordestino. Cujo, clima semi-árido e temperatura, tendo média das máximas entre 32°C e 33°C (durante o dia), e média das mínimas de 23°C (nas noites). A regularidade do clima dominante com a forte insolação, com uma umidade relativa do ar inferior a 70%, são fatores limitantes às potencialidades dos recursos naturais, imprimindo um caráter histórico de vulnerabilidade às atividades agropecuária.

O potencial de desenvolvimento da ovino-caprinocultura na região, realiza-se através dos seguintes parceiros: a) Secretaria de Agricultura e Pecuária do Estado do Ceará - SEAGRI, b) Ministério da Integração Nacional, c) Serviços Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no estado do Ceará - SEBRAE-CE, d) Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Ceará- EMATER, e) Centros Tecnológicos, f) Banco do Nordeste, g) Prefeitura Municipal e h) População local. Assim, num trabalho em conjunto o programa de desenvolvimento busca-se reduzir os custos de produção, a modernizando e a revitalizando da ovino-caprinocultura nos municípios cearenses.

2 . Aspectos políticos-econômicos e culturas da população cearense do Cariri

A organização sócio-econômica do período colonial, que veio caracterizar a civilização do ouro, distribuída através dos canaviais situados na Zona da Mata (litoral cearense) e no sertão focalizava-se a pecuária extensiva, que se direcionava às condições favoráveis dos brejos, predominando a criação de gados, que serviam de força motriz aos engenhos de açúcar situados no Litoral. Ao restante do território inóspito, exercia-se a caprinocultura. Devido à atividade de criação de animais, não houve uma forte presença dos negros africanos na região do sertão, por não necessitar de mão-de-obra abundante e escrava. Em compensação, a população cearense em grande parte é de origem *cabocla*, isto é, fruto da fusão entre o europeu e as “ilhas da terra”, cujos descendentes foram os “pastoreiros”, os “vaqueiros”, os “sertanejos” dominadores da “terra ingrata” (Bastide,1964).No trecho abaixo, descreve como eram os “coabitantes” (Moreira,1996) nordestinos:

“(...) O corpo do vaqueiro,..., se esconde sob uma couraça de couro,... o chapéu redondo de couro de veado, até as pesadas botas que protegem as pernas contra os possíveis arranhões, pois precisa lutar contra os espinhos, contra os cactos de pontas eriçadas, contra os arbustos inimigos.” (Bastide 1964,85).

Os brejos e qualquer outro espaço que houvesse condições favoráveis ao gado era considerado “propriedade coletiva de todos os situantes dos arredores” (Bastide 1964,88). Somente com o festejo da Vaquejada, se realizava o registro no gado com “ferro em brasa” na marcação da propriedade, justamente para que não ocorresse a mistura dos animais nos campos abertos. Assim, as restritas condições naturais e

econômicas das comunidades do sertão foram base da construção da identidade cultural. Debaixo de um “sol” penetrante, segundo a poética de Bastide (1964), foi o assassino de “plantas e animais”, deixando “vaqueiros esfomeados ao encontro da morte”, paralelamente sujeitos ao deslocamento para as “cidades santas”, enquanto, os que persistiam eram “cangaceiros audaciosos” que desejavam enriquecer o sertão.

Na segunda metade do século XX, o espaço nordestino se (re)organiza numa hierarquia de sistema urbano, segundo aos critérios do departamento de Geografia do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), estabelecendo assim, um “modelo tanto para uma política regionalizada de desenvolvimento como para a racionalização do suprimento dos serviços de infra-estrutura urbana, através de uma distribuição espacial mais adequada.” (Silva & Botelho 1977,424). Na qual, entre os níveis hierárquicos se localizara as cidades centrais como Recife e Salvador, exercendo a função de metrópoles nordestina, enquanto, Fortaleza seria o grande centro regional. “(...) Não menos importante é sua função como centro varejista.” (Silva & Botelho 1977,426). Portanto, as políticas de incentivos adotada pela SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) teve grande importância para :

“A atuação das Metrópoles nordestinas (...) caracteriza-se pelo comando do setor Terciário e de algumas atividades industriais, uma vez que parte destas são dirigidas por São Paulo e Rio de Janeiro.” (Silva & Botelho 1977,424).

As cidades cearenses estavam submetidas ao centro arrecadador de tarifas e centro comercial varejista e atacadista de produtos agroextrativos, visando ao benefício e controle da vida econômica da região pela cidade de Fortaleza (capital cearense) até os anos 80 do século XX. No entanto, Santiago & Moreira (2005:13457-13458) apresentam os sistemas de parcerias do arranjo local com o “Sebrae (Serviços Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) gerando a “força no interior do país” em forma de pequenos negócios nas zonas rurais e nas periferias urbanas (...)” em que esta dinâmica de cooperação entre os agentes econômicos e a comunidade local, apoiados por instituições públicas e privadas, cuja união tende a transformar o território em termos qualitativos e quantitativos. Isto porque, o Pró-Cariri, destaca-se como um projeto de “desenvolvimento” e de “solidariedade organizacional” em cadeia produtiva especializada na ovino-capricultura (Figura.2).

A OVINO-CAPRICULTURA NO CARIRI CEARENSE



Figura.2–Seleção das Matrizes ovinas e caprinas Região do Cariri.

Fonte: www.seagri.ce.gov.br

O sertão, já mencionado, era referência das causas de disparidade entre as comunidades da região nordestina, todavia, neste espaço se abrigava o desinteresse por parte do setores público e privado, por outro lado, estas conduções permitiram a construção de uma identidade consistente ao seu “tempo lento” e ao “espaço opaco”, termos muito bem discutido por Milton Santos. Mas, as inovações produtivas e tecnológicas na região, proporcionaram uma integração entre seus agentes, podemos ver que esta prática destacada por Friedmann (in:Silva & Botelho,1977) nas “áreas periféricas nordestinas”, na medida que apresentassem seus “núcleos”, o “padrão de desequilíbrio estrutural (...) tenderia a diminuir e a Região poderia então alcançar um outro padrão (...)”. Verifica-se que toda mudança, conseqüentemente, gera um novo sentido de tempo-espaço. Pois, se o *padrão*, a estrutura base se modifica, ou se desterritorializa, também modifica o signo e seus significados, logo, a produção como artesanato, a culinária, as manifestações folclóricas do Cariri, hoje são apenas representações reterritorializadas do espírito empreendedor da norma capitalista atual.

3.O Capitalismo como Sistema primordialmente Econômico

Verifica-se na base das articulações da produção do espaço e do tempo, o capitalismo como sistema primordialmente econômico, direcionado ao “crescimento” em que possa garantir a acumulação de seus lucros. Tanto que o “crescimento” torna-se uma elaboração mitológica poderosa, que sobrepõe a dificuldade deste sistema dominante, como verificado na citação do argumento marxista, segundo Harvey (1992):

“(...) a tendência da superacumulação nunca pode ser eliminada sob o capitalismo. Trata-se de um interminável e eterno problema de todo modo capitalista de produção. A única questão, portanto, é como exprimir, conter (...) essa tendência de maneira que não ameacem a ordem social capitalista. (...)” (Harvey 1992,170)

Logo, o capitalismo diante de sua própria *Crise* (re)cria estratégias de superação, pois a reestruturação das ações política e econômicas visam o preparo do espaço geográfico para a expansão de suas normas produtivas e o retorno crescente do lucro. Mas, o lucro necessita “(...) de processos da produtividade (...) baseados nos avanços tecnológicos e na organização dos sistemas de produção.” (Soja 1996, 202). Sendo fundamentais para instauração da “inversão de papel das regiões” (Mandel, in: Soja 1996), termo denominado por Mandel que refletem a “extensa descentralização e internacionalização” da produção capitalista, na transferência das solidariedades em “orgânica” à atitude “organizacional” definida por Milton Santos.

Ao sintetizarmos o pensamento em prol às artimanhas do sistema capitalista, que sustenta um conjunto de condições preexistente, permitindo ao desenvolvimento e as transformações das relações competitivas para atingir os “superlucros”, através do “tempo da nodosidade e da nova aglutinação” (Moreira 1996) dos agentes. Se “define o estado das inserções” (Moreira 1996), ou, “aspectos da prática espacial” por Lefebvre (in:Harvey, 1992), também discutida por Baumam (1998, 1999) como a “liberdade do movimento”. Estes autores descrevem dinâmicas contemporâneas de modo similar. Segundo Moreira (1996) o espaço da inserção significa um “jogo da inclusão e da exclusão”, ou seja, estar inserido na verticalidade previamente sugere, estar inserido na horizontalidade, pois aquele que só está inserido na horizontalidade, está excluído dos “benefícios” da Ordem Global.

Então, Harvey (1996) define a “distância”, entre outros aspectos da prática espacial de Lefebvre, como sendo uma barreira que impede a interação humana, ao mesmo tempo,

representa “custos” ao sistema de (re)produção capitalista, isto porque, a acessibilidade à apropriação e ao domínio do espaço é selecionada por um grupo, particularmente, dominante.

Já, Bauman (1998, 1999) retrata dos aspectos em oposição “longe – perto”; “certo – incerto”, segundo, análise de Schumpeter, a história da modernidade foi marcada pelo progresso que:

“(…) antes de mais nada a disponibilidade de meios de viagens rápidos que desencadeou o processo tipicamente moderno de erosão e solapamento das “totalidades” sociais e culturais localmente arraigadas.”(Bauman 1999, 21).Do mesmo modo, “a liberdade indica que nada foi estabelecido para sempre e que a roda da fortuna ainda pode virar ao contrário.”(Bauman 1998, 247)

Então, se “há um tempo para tudo” (Gurvitch,1964,in:Harvey, 1992), poderíamos complementarmos de que também, *há um espaço para tudo*. Tendo com base nos estudos da “especificidade do espaço nos países subdesenvolvidos” por Santos (1996) e na “produção do espaço” de Lefebvre destacado por Harvey (1992), em que utilizaremos, por sintetizar em três dimensões: “espaço vivido”, “espaço percebido” e “espaço imaginado”, distribuídos numa relação dialética, verifica-se na figura.3 e figura.4 as dimensões do espaço e da tipologia do tempo. Como já havíamos dito anteriormente, a superação da crise capitalista visa o preparo do espaço geográfico, ou seja, a organização das ações e dos objetos distribuídos neste espaço intencionalmente “fabricados” e “localizados” (Santos, 2002). Porque, vivemos no “mundo da ação em tempo real” (Santos 2002, 332). Assim, justificada pela velocidade na “compressão do tempo-espaço” (Harvey, 1992) como alicerce favorecedor da maior produtividade econômica e política, principalmente, da relação Global e Local.

GRADE DE PRÁTICAS ESPACIAIS

Grade de Práticas Espaciais				
	Acessibilidade e Distanciamento	Apropriação e Uso do espaço	Domínio e Controle do espaço	Produção do espaço
Espaço vivido	Fluxos pelas redes Técnicas	Redes Sociais	<ol style="list-style-type: none"> 1. território (poder); 2. propriedade privada da terra; 3. Divisão Político-Administrativa 	Relação de redes técnicas com as redes sociais
Espaço Percebido	<ol style="list-style-type: none"> 1. Formas de localização/ 2. lugar bom (perto) 3. lugar ruim (longe) 	Representação simbólica dos espaços	<ol style="list-style-type: none"> 1. Imperativos territoriais 2. Comunidade local 3. Cultura Regional 	Novos sistemas de representação visual
Espaço Imaginado	<ol style="list-style-type: none"> 1. atração/repulsão 2. acesso/negação 	Localização	<ol style="list-style-type: none"> 1. Construção da <i>tradição</i>; 2. barreira e o capital simbólico 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Espaços do desejo: 2. Revalorização 3. Auto-estima 4. Auto-reconhecimento

Fonte: síntese da inspiração em Lefebvre(1974) por Harvey (1992)

Figura.3. Grade de Práticas Espaciais, baseado em Lefebvre(1974, In: Harvey ,1992)

A tipologia do tempos sociais

Tipo	Nível	Forma	Formações Sociais
Tempo Permanente	Natureza/Meio ambiente (Moreira) Ecologia (Harvey)	Continuidade Base no Passado	Agrupamentos por localidades
Tempo Alternado	*signos *regras *condutas coletiva	Conflito Passado X Futuro Tradição X Design	Grupos econômicos dinâmicos
Tempo Acelerado	*inovações *transformações coletivas	<i>Descontinuidade</i> base no Futuro	*Capitalismo competitivo *Agrupamento por localidade + grupos econômicos

Figura.4. Tabela dos tempos sociais, inspirado em Gurvitch (1964, In: Harvey 1992).

4. A Identidade e a Era da Informação

Segundo aos avanços técnicos e sociais, por via da norma informativa de caráter global, capacitada de uma estratégia de desterritorialização e desambientalizadora dos indivíduos de um determinado lugar, a qual a comunidade local sente-se exprimida pelo tempo cronológico, isto porque, o espaço percebido é constituído de um tempo conflitante, que intercepta a verticalidade com a horizontalidade. Mas, não interessa a Ordem Global, que haja a transferência de uma política de desenvolvimento do setor mercantil-econômico de fins lucrativo para atender as necessidades socioeconômicas do bem-estar à uma localidade não-inserida ao sistema. Percebe-se que o processo de “acumulação capitalista” tem por base o “desenvolvimento regional desigual” na geração dos “superlucros”.

Deste modo, nos indagamos sobre as redes sociais consistidas no local, juntamente com as redes técnicas, que viabilizam o território na articulação com a Universalidade. Este caráter Universal da ordem global opera numa solidariedade, em que o produto é a organização. Isto porque, a razão técnica e informacional, necessita estabelecer uma regra que permita intensificar através da divisão internacional do trabalho a relação desigual e combinada do “centro-periferia”. Ou seja, projeta-se no local, por intermédio dos “processos territoriais” (Haesbaert, 2004) T-D-R [Territorialização-Desterritorialização-reterritorialização], numa ideologia do

“Vir-a-Ser” (Harvey,1992), como que toda “reestruturação” do arranjo produtivo e da inovação tecnológica pudesse corresponder a emancipação do local.

5. Redes Sociais e as Relações Técnicas

As redes são sistemas de relações intimamente ligadas às atividades humanas, sendo “(...) um fenômeno antigo” (Moreira,1996:2) que permitiu estabelecer intencionalmente novos objetivos que pudessem satisfazer e prevalecer as transformações das relações dos homens entre si, por costumes, tradições, paralelamente, nas alterações do meio ambiente, assim, adquirindo “um novo conteúdo e uma nova forma espacial.” (Moreira, 1996). Segundo Moreira (1996) o conteúdo é uma forte densidade social. Onde, Castells (2001) declara que a identidade local entra em interseção com as outras fontes de significado e reconhecimento social.

“É o efeito da rede. Ao tornar livre para o movimento territorial a população e coisas dos lugares, a rede desloca de um lugar para outro, relações sociais e econômicas, e não mais objetos e cultivos, preenchendo-os com a densidade crescentemente elevada das suas relações técnicas e de trocas. “ (Moreira1996,2)

Neste fragmento citado acima, as relações sociais e econômicas são foco da sustentabilidade das redes sociais. Esse tipo de rede de caráter dinâmico e produtivo surge como um padrão organizacional capaz de expressar as estruturas das relações políticas e economicamente inovadoras. Com base em Castells (2001) , as redes sociais surgiram como alternativa para superação das crises do próprio sistema capitalista. Desta maneira, que na “(...) escala do globo, motor implacável de tantas reorganizações sociais, econômicas, políticas e, também, geográficas (...) é a competitividade (...) a mais guerreira de todas as ações” (Santos 2002,333). A complexidade política de determinado grupo se eleva os processos culturais e políticos, que soma o desejo coletivo em inovar a forma da organização política e com a desordem intencionalmente estruturada no controle da economia com tempo proposto a aumentar a velocidade da circulação dos produtos. Mas, para a efetivação do fato, o “(...) fazer política passou a ser a construção de um grande arco de alianças ao redor da entrada em rede, (...)” (Moreira, 1996) correspondendo à “(...)

Convivência necessária, conflito inevitável. Quanto mais desigual à sociedade e a economia, tanto maior o conflito. (...)” (Santos 2002, 336).

Se as redes sociais surgiram da imediata integração social ao meio ambiente construído, de superação às crises capitalistas, logo se reformula as “normas” necessárias ao processo que visa a expansão produtiva “de fluxos e conexões transacionais que unem a economia global do espaço” (Soja 1996, 198) ao local, e assim, preservar a acumulação do lucro capitalista.

Por outro lado, essas “normas” são responsáveis pelos conflitos, porque, as comunidades locais “não-inseridas” (Moreira, 1996) como um todo, ficam desfavorecidas à solução de “problemas sociais e locais” (Santos 2002, 336).

Soja (1993: 194) declara que estamos atualmente envolvidos num período contínuo de imaginação social e que “(...) encheram a imaginação popular de epítetos projetados de reestruturação de uma “Nova Ordem Econômica Internacional” (...) “Era do Capital Global” (...) “Nova Austeridade” para criar uma “Sociedade Baseada na informação” e sistemas industriais “Pós-Fordistas” “. Estes processos de reestruturação são denominados por Soja (1996) como “ (...) “rótulos” que brilham “com tanta intensidade, que nos impedem de ver o que pode realmente estar acontecendo, em toda a sua plena complexidade e intercontingência.” (Soja 1996,195).

A seguir destaca-se alguns pré-requisito básico para o desenvolvimento de uma economia de parceria inovadora no exercício da atividade ovino capricultura:

- Viabilizar e inserir competitivamente a pequena propriedade familiar no agronegócio de caprinos e ovinos, proporcionando maior geração de emprego e renda;
- Difundir a tecnologia do pastejo rotacionado irrigado com os caprinocultores e ovinocultores participantes do Projeto;
- Treinar e capacitar técnicos e produtores de caprinos e ovinos nos sistemas de produção e na gestão de negócios, mercado e qualidade;
- Criar um banco de dados das explorações através do monitoramento dos rebanhos assistidos, com o levantamento do custo de produção de carne caprina e ovina nos diversos municípios cearense;

- Fortalecer o controle sanitário, controle reprodutivo e melhoramento genético dos rebanhos assistidos;
- A existência de infra-estrutura adequada de transportes e comunicações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluí-se que a astúcia criativa e destrutiva do sistema capitalista se apoderou estrategicamente da lógica comunal para resguarda-se dos riscos produtivos, permitindo assim, uma forma de “solidariedade organizacional” local aos investimentos com segurança e confiabilidade entre os agentes na combinação com os recursos (re)conhecidos economicamente favoráveis à produção dos seus lucros.

Conseqüentemente, a “cultura local” apropriada pela ordem global, adquiriu uma nova “identidade”, criada a partir da combinação entre a ciência e a tecnologia, que desterritorializaram na holisticidade do local, a tradição. De modo que, os fatores externos ao espaço vivido, se processa numa reterritorialização de uma identidade ausente de sentido, no entanto, correspondente à iluminação destes espaços aos princípios da política da vantagem econômica. Atualmente, a “identidade de projeto” torna-se responsável pela formação e inserção ou não, dos indivíduos na sociedade em rede. Tão distante da realidade, se encontra enjaulada a “irracionalidade dos lugares” (Gomes,2003), consistente de consciência e emancipação, na qual deseja-se encontrar a liberdade sem incertezas, sem desigualdade, enfim, perceber que não pode haver um futuro menos hostil, enquanto se vigorá as normas do sistema capitalista.

BIBLIOGRAFIA

- BASTIDE, Roger. 1964. *Brasil Terra de Contraste*. Tradução: M^a Isaura Pereira Queiroz. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- BAUMAN, Zigmunt. 1998. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução: Mario Gama & Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. 1999. *Globalização : as conseqüências humanas*. tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CASTELLS, Manuel. 2001. *O poder da Identidade : A era da informação, economia, sociedade e cultura*. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt.Vol.II. São Paulo: Paz e Terra.

GOMES, Carin Carrer. 2003. *Conhecer o Lugar e Transformar o Mundo: Espaço Geográfico como Possibilidade*.In: Souza, M^a Adélia A. Território Brasileiro: uso e abuso.São Paulo: Territorial.

HAESBAERT, Rogério. 2004.O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade.Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

HARVEY, David. 1992. *A condição pós-moderna*.Tradução: Adail Sobral & M^a Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola.

_____. 2004. *O novo Imperialismo*. Tradução: Adail Sobral & M^a Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola.

JORNAL DO BRASIL. 2005.*Ferrovias do Nordeste custará R\$ 4,5 bilhões*. 26 nov. 2005.

MOREIRA, Ruy. 1996.*Da região à rede e ao lugar (a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo)*.In: CIÊNCIA GEOGRÁFICA, ano III nº 6. Bauru: AGB.

SANTIAGO, Neyva de L. & Moreira, Viviane P.. 2005. *Território Palco do Desenvolvimento Sócio-Político-Econômico*. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo: Departamento de Geografia/FFCH/USP. p13457-13458.

SANTOS, Milton. 1996. *O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo*.Tradução: Sandra Lencioni.4ªedição.São Paulo: HUCITEC.

_____.1996. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 2ªedição.São Paulo: HUCITEC.

_____.2002. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: EDUSP.

_____. 2004. *Pensando o Espaço do Homem*.5ª edição. São Paulo: EDUSP.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, M^a Laura. 2003. *O Brasil: o território e a sociedade no início do século XX*. 5ª edição.Rio de Janeiro: Record.

SILVA, Hilda da & BOTELHO, M^a Emilia T. de C.. 1977. *Sistema Urbano*. In: FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTA. Diretoria Técnica . *Geografia do Brasil*. Rio de Janeiro: Sergraf – IBGE, p.424-448.

SOJA, Edward W..1993. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social*.Tradução:Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Site :< www.fundacaoararipe.org.br>. Acesso em 12 nov. 2005.

<www.seagri.ce.gov.br> Acesso em 20 out. 2005.